

## Também os Artistas Morrem de Pé

OLIVEIRA E SILVA

À noticia de morte de Costa Rêgo Júnior, no Recife, pensei na peça famosa de Alexandre Casona, para situar o artista e homem cristão, que nele havia, no heroísmo de, como certas arvores, morrer, também, de pé.

Costa Rêgo Júnior constituia um sêr humano, banhado da Graça, com a intransigencia na bondade e na solidariedade, incapaz de um ato de baixeza, mesmo na solidão.

Os seus caminhos eram aqueles que as maiorias repelem, porque as pedras, aí, se amontoam. Ele costumava sorrir o fino sorriso dos que aceitam o mundo como um espetáculo, ora divertido, ora necessariamente cruel. Sorriso de resignação dos que alcançam a verdade de Cristo, sabendo que sofrer é imitar a Divina Presença.

Ele sentia-se um homem premiado pela vida. Pôde criar uma poesia com as linhas da pureza e da simplicidade e uma família com a espôsa admirável e cinco filhos, um deles monge, todos ricos da fibra pernambucana que se pode não estimar, porém que se admira mesmo a contra-gosto.

Fundando com Mariano Lemes, Mario Linhares, e outros amigos, há mais de trinta anos, a revista "Heliópolis", no Recife, organiza, com a sua chama contagiante, um nucleo de escriptores maduros e verdes que, no ambiente morno da província, se entregavam ao prazer do pensamento desinteressado.

Lembro que, a esse tempo, convidáramos Hermes Fontes a visitar a nossa terra. Costa Rêgo Júnior fôra um dos maiores entusiastas da iniciativa que, com o seu esfôrço, congregara trinta e três intelectuais em tôrno do grande poeta de "Apoteases" e "A Lampada Velada". Levamo-lo, numa festa litero-musical, sob a presidência do historiador Oliveira Lima, ao grande salão da Associação dos Empregados do Comércio, com um público, tão vibrante e numeroso, que tivemos a sensação de haver quebrado a modorra da província.

A êsse tempo, Costa Rêgo Júnior estreia com o formoso livro de poemas "Evocações e Panoramas", onde o antigo par-

nasiano aparece já desolado da frieza e do ritmo fatigante da escola, derramando-se em estrofes de um lirismo puro.

Na Academia Pernambucana de Letras, era uma energia teimosa e vigilante, na luta pelo prestígio crescente da Casa. Com a vocação da fé em tudo a que servia, Costa Rêgo Júnior combatia, considerando, como Cirano de Bergerac, que “não está no sucesso a glória da peleja”.

Devastado pela moléstia terrível que é, hoje, uma calamidade social, adivinho o seu martirólogo, nos últimos meses e decerto, o sorriso com que animava aos que o assistiam. Não tenho dúvida que a graça o tocava, e pôde fazer, serenamente, o retrospecto de sua existência, cuja escharpa subira, intrépido, com duas fôrças na aparência antagônicas, porém que se entrosam e completam: a dignidade e a doçura.

Há cerca de dois anos, oferecia-nos, em livro, os seus poemas derradeiros. Canto que irradiava otimismo e ternura, em que se sentia a experiência do homem que não deseperara, nem como tantos que nascem e morrem na província, confessam, afinal, a sua sufocação. Sua poesia tomara os tons de um crepúsculo macio, a sutileza das filigranas e, dela, transbordavam a simpatia e a compreensão.

Costa Rêgo Júnior viveu, assim, uma das vidas mais lucidas e belas, a que podemos aspirar, a vida do herói simples, para quem o dever é, antes de tudo, saboroso, a lição de quem não pretende outra coisa que ser companheiro. Porque, como poucos, teve o sentido, o privilégio do companheirismo e, por isso, o seu desaparecimento nos empobrece e amarga.

O Anjo da Misericórdia certamente recebeu-o nos braços à hora em que o seu espírito apagara a mansidão do último sorriso. Sem dúvida, animou-o para o grande julgamento, com uma palavra de estímulo: — “Vamos, meu amigo. Não será difícil. Deus é, principalmente, amor”.